

USO DO CAPITAL SOCIAL PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO ENTRE EGRESSOS DA POLÍTICA DE COTAS DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS

José Roberto Abreu de Carvalho Junior

É em um cenário histórico de desigualdade social no acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade, que foi estabelecida em 2012 a política de cotas (Lei 12.711) para que universidades federais reservem pelo menos metade das suas vagas de cursos de graduação para estudantes oriundos do ensino médio de escolas públicas, com reservas específicas para negros, indígenas ou mesmo brancos de famílias de baixa renda, os denominados estudantes cotistas. Alunos que são admitidos às universidades por meio da ampla concorrência e, portanto, que não entram pelas cotas são os chamados estudantes não cotistas. A política de cotas é legítima no combate à desigualdade no acesso às universidades públicas que, historicamente, sempre serviram predominantemente aos alunos da elite brasileira (SILVA; XAVIER; COSTA, 2020). Entretanto, ainda existe uma escassez de pesquisas sobre a vida dos egressos cotistas após a universidade, especialmente com foco na sua inserção no mercado de trabalho. Essa escassez de pesquisas é preocupante, pois os estudos seminais de Bourdieu (1986, 1992, 2007a, 2007b), Bourdieu e Passeron (2014) e Bourdieu e Wacquant (1992) apontaram que a inserção no mercado de trabalho não é um processo meritocrático e que o uso de capital social é uma importante variável que afeta os ganhos dos egressos do ensino superior no mercado de trabalho. De acordo com Bourdieu (1986), o capital social é um conjunto de recursos potenciais e reais estabelecido, mantido e reproduzido por um indivíduo a partir de uma rede de contatos com outros indivíduos (um grupo) que lhe garante “credenciais” de acesso socialmente aceitas entre si como, por exemplo, o acesso privilegiado ao mercado de trabalho. Bourdieu (1986) explica que o capital social depende tanto do tamanho da rede de contatos pessoais que um indivíduo possui como do conjunto de capitais (cultural, econômico e simbólico) possuídos por aqueles a quem o indivíduo está conectado. Estudantes do ensino superior de famílias de baixa renda, como são os cotistas, carecem de capital social em relação aos estudantes das classes mais privilegiadas socioeconomicamente, como são os não cotistas (WATSON, 2013) e essa menor posse de capital social relevante pode afetar negativamente suas oportunidades no mercado de trabalho (ABRAHAMS, 2017;

BRUNELLO; CAPPELLARI, 2008; GUIMARÃES; ANDRADA; PIKANÇO, 2019; KARABEL; MCCLELLAND, 1987; LEHMANN, 2019; LEMOS; DUBEUX; PINTO, 2009; MA; SAVAS, 2014; REAY, 2021; SILVA et al., 2015; USEEM; KARABEL, 1986). Assim, questionamos: egressos cotistas das universidades federais possuem menores níveis de capital social do que os egressos não cotistas? Para responder a essa pergunta, o objetivo do artigo foi comparar os níveis de capital social entre egressos cotistas e não cotistas das universidades federais brasileiras. Para tanto, aplicamos um questionário eletrônico a uma amostra final de 11.458 egressos, sendo 32,41% egressos cotistas e 67,59% egressos não cotistas, de 248 cursos de graduação, de todas as áreas do conhecimento, de 18 universidades federais, das cinco regiões do Brasil e que colaram grau entre 2016 e 2021. Dividimos o capital social dos egressos entre o capital social da família, referente ao uso de redes de contato da família para inserção no mercado de trabalho, e o capital social da universidade, referente ao uso de redes de contato da universidade para essa inserção. As questões sobre o capital social estavam no formato de escala *Likert* de 7 pontos que apresentavam níveis de concordância e discordância dos egressos quanto ao uso do capital social (da família e da universidade) para a sua inserção no mercado de trabalho. Comparamos as médias obtidas entre egressos cotistas e não cotistas por meio do Teste *t* de Student a um nível de confiança de 95%. Os resultados sugerem que, em geral, tanto os egressos cotistas como os não cotistas utilizaram pouco o seu capital social para inserção no mercado de trabalho. Quando analisamos separadamente a importância do capital social da família dos egressos, os resultados indicam que a maioria dos egressos, cotistas e não cotistas, discordou completamente sobre terem usado redes de contato da família para conseguirem a sua ocupação atual (em média, 81,3%). No entanto, 6% dos egressos cotistas marcaram 6 ou 7 pontos nessa escala, percentual inferior ao de egressos não cotistas, que foi de 8,1%. Na escala de 7 pontos, a média para egressos cotistas foi de 1,605, inferior à de egressos não cotistas, que foi de 1,724. Embora próximas, essas diferenças são estatisticamente significativas ($p = 0,001$), o que significa dizer que egressos cotistas utilizaram menos o capital social de sua família para conseguirem a sua ocupação atual do que os egressos não cotistas. Quando analisamos a importância do capital social da universidade dos egressos, os resultados indicam que a maioria dos egressos, cotistas e não cotistas, discordou completamente sobre terem usado redes de contato da sua universidade para conseguirem a sua ocupação atual (em média, 62,2%). Percebemos também um

comportamento muito similar entre egressos cotistas e não cotistas quanto a essa afirmação. Na escala de 7 pontos, a média para egressos cotistas foi de 2,465 enquanto a de não cotistas foi de 2,457. Essas diferenças não são estatisticamente significativas ($p = 0,879$), o que significa dizer que não há diferença entre egressos cotistas e não cotistas quanto à utilização de capital social da universidade para conseguirem a sua ocupação atual. Em resumo, os resultados sugerem que o uso de capital social é diferente entre egressos cotistas e não cotistas quando se trata do capital social da família, isto é, a utilização de redes de contato de familiares para facilitar a inserção do egresso no mercado de trabalho. Nessa dimensão, os egressos não cotistas possuem maiores níveis de capital social da família do que os egressos cotistas, confirmando os argumentos de Bourdieu (1986, 1992, 2007a, 2007b), Bourdieu e Passeron (2014) e Bourdieu e Wacquant (1992). No entanto, quando se trata do capital social da universidade, isto é, a utilização de redes de contato de amigos da universidade do egresso para facilitar a sua inserção no mercado de trabalho, nossos resultados sugerem que não há diferenças entre egressos cotistas e não cotistas. A principal explicação que oferecemos para esse resultado é que egressos cotistas parecem desenvolver um capital social relevante durante a vida na universidade, convergindo com resultados anteriores da literatura brasileira que também sugere a ocorrência desse fenômeno (FALCÃO, 2012; LEMOS; DUBEUX; PINTO, 2011; LEMOS; NEVES; RODRIGUES, 2013; MACHADO; REYES; RIEHL, 2021). Esse resultado enfraquece o argumento de Reay (2021) que considera que estudantes de baixa renda, mesmo frequentando universidades de prestígio, estão à margem de atividades sociais e de desenvolvimento de redes de contatos que sejam vantajosas para uma boa inserção profissional. Portanto, contrários à Reay (2021) e tendo por base a literatura empírica brasileira (FALCÃO, 2012; LEMOS; DUBEUX; PINTO, 2011; LEMOS; NEVES; RODRIGUES, 2013; MACHADO; REYES; RIEHL, 2021), nossos resultados sugerem que, ao menos no Brasil, o convívio entre estudantes de famílias de baixa (cotistas) e alta renda (não cotistas) parece ser bem amigável, inclusive para facilitar a inserção no mercado de trabalho entre si. Assim, podemos perceber que, no que diz respeito ao alcance do ambiente universitário, aqui considerando o capital social formado e desenvolvido na universidade, os egressos cotistas são iguais aos não cotistas. Já no que diz respeito ao capital social da família, os egressos cotistas ainda têm menores vantagens em relação aos não cotistas. Ou seja, no que diz respeito àquilo que a universidade pública tem alçada para modificar, ela tem a

possibilidade de alterar cenários socioculturais através de proporcionar o contato entre os egressos de diferentes realidades e contextos familiares. Esses resultados destacam como a política de cotas das universidades federais é uma poderosa ferramenta de inclusão social que promove benefícios socioculturais de maneira igualitária a partir das trocas estabelecidas entre egressos cotistas e não cotistas durante e até mesmo após o seu curso de graduação, trazendo impactos para a sua vida profissional.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAMS, J. Honourable mobility or shameless entitlement? Habitus and graduate employment. **British Journal of Sociology of Education**, v. 38, n. 5, p. 625–640, 2017.
- BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. G. (Ed.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. Greenwood, 1986.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007a.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007b.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. J. D. **An invitation to reflexive Sociology**. University of Chicago Press, 1992.
- BRUNELLO, G.; CAPPELLARI, L. The labour market effects of Alma Mater: evidence from Italy. **Economics of Education Review**, v. 27, n. 5, p. 564–574, 2008.
- FALCÃO, B. L. **Um diploma de doutor a não “herdeiros”**: um estudo sobre impactos de cursos de alto prestígio da UFMG para egressos das camadas populares. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2012.
- GUIMARÃES, N. A.; ANDRADA, A. C.; PICANÇO, M. F. Transitando entre universidade e trabalho: trajetórias desiguais e políticas afirmativas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 172, p. 284–310, 2019.
- KARABEL, J.; MCCLELLAND, K. Occupational advantage and the impact of college rank on labor market outcomes. **Sociological Inquiry**, v. 57, n. 4, p. 323–347, 1987.
- LEHMANN, W. Forms of capital in working-class students’ transition from university to employment. **Journal of Education and Work**, v. 32, n. 4, p. 347–359, 2019.
- LEMOS, A. H. C.; DUBEUX, V. J. C.; PINTO, M. C. S. Educação, empregabilidade e mobilidade social: convergências e divergências. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 7, n. 2, p. 368–384, 2009.

- LEMOS, A. H. C.; DUBEUX, V. J. C.; PINTO, M. C. S. Empregabilidade dos jovens administradores: uma questão meritocrática ou aristocrática? **BBR - Brazilian Business Review**, v. 8, n. 1, p. 94–115, 2011.
- LEMOS, A. H. C.; NEVES, D. R.; RODRIGUES, P. R. F. Inserção de alunos bolsistas no mercado de trabalho: qual o valor do diploma universitário? **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 7, n. 4, p. 24, 2013.
- MA, Y.; SAVAS, G. Which is more consequential: fields of study or institutional selectivity? **The Review of Higher Education**, v. 37, n. 2, p. 221–247, 2014.
- MACHADO, C.; REYES, G.; RIEHL, E. Alumni networks at elite universities and the efficacy of affirmative action: December 2021. **Working Paper, Cornell Riehl Economics**. Disponível em: http://riehl.economics.cornell.edu/papers/mrr_affirmative_action_nov2021.pdf. Acesso em: 16 nov. 2021.
- REAY, D. The working classes and higher education: meritocratic fallacies of upward mobility in the United Kingdom. **European Journal of Education**, v. 56, n. 1, p. 53–64, 2021.
- SILVA, B. C. M.; XAVIER, W. S.; COSTA, T. M. T. Sistema de cotas e desempenho: uma comparação entre estudantes cotistas e não cotistas na Universidade Federal de Viçosa. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 12, n. 3, 2020.
- SILVA, L. P. et al. Educação superior, mobilidade social e expectativa profissional: uma análise à luz da sociologia da educação. **Gestão & Planejamento**, v. 16, n. 1, p. 58–75, 2015.
- USEEM, M.; KARABEL, J. Pathways to top corporate management. **American Sociological Review**, v. 51, n. 2, p. 184, 1986.
- WATSON, J. Profitable portfolios: capital that counts in higher education. **British Journal of Sociology of Education**, v. 34, n. 3, p. 412–430, 2013.